

Crise internacional atingirá economia brasileira

Sônia Araripe

Retração nas exportações, dificuldades em atrair investidores estrangeiros, poucas chances de tornar viável o projeto de conversão de dívida externa em investimento de risco, aumento dos serviços da dívida e agravamento da recessão interna. Estas são algumas das consequências que, segundo Winston Fritsch, da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ) e Jorge Gianelli, diretor da Planning Consultoria Econômica deverão atingir em cheio a economia brasileira nos próximos meses caso a grave crise, que apenas começa a apontar no cenário norte-americano, não dê nenhum sinal de melhora.

Este quadro sombrio e trágico não tem sido visto apenas como uma hipótese remota que ronda a cabeça de alguns analistas pessimistas, desencantados com os rumos da economia internacional. A partir do verdadeiro "incêndio", que começou na Bolsa de Valores de Nova Iorque, e se espalhou pelos principais mercados de ações do mundo na segunda-feira negra, muitos economistas de diferentes linhas de pensamento estão cada vez mais certos de que o mundo caminha numa rota de colisão. Só que desta vez dificilmente haverá sobreviventes para tentar uma saída diferente para contornar uma recessão de nível mundial.

A crise na Bolsa de Nova Iorque foi apenas um peteleco num mercado que estava prestes a desabar, comenta Winston Fritsch, da PUC. O que os economistas lembram é que a ponta do iceberg pode estar apenas começando a aparecer. Por trás de todo o impacto que o mercado financeiro internacional sofreu nesta semana está um problema grave que vem crescendo como uma bola de neve: o déficit público norte-americano, que fechou este ano em 148 bilhões de dólares.

Eles estão financiando este grande déficit emitindo cada vez mais títulos, explica Jorge Gianelli, da Planning Consultoria. Para estimular os investimentos externos, principalmente japoneses, os norte-americanos estão elevando cada vez mais as taxas de juros, o que acaba sendo inflacionário.

O impacto para o Brasil, e outras nações em desenvolvimento que são fortes parceiros comerciais dos Estados Unidos, vai depender dos remédios que o governo americano usar para tentar curar este mal. Se forem muito amargos, como drásticas reduções de importações, aumentos de impostos e provocando o desaquecimento da economia interna, todas as outras economias serão atingidas como num jogo de dominó.

Esta hipótese mais pessimista poderá atingir em cheio o Brasil. Afinal, um terço das exportações nacionais vão para os Estados Unidos, que é também o principal parceiro pelo lado das importações. Se a economia americana diminuir a marcha e passar a enfrentar de frente o grande déficit público e seu grande déficit comercial (hoje de cerca de US\$ 140 bilhões), o Brasil e outros países vão ser atingidos de frente: uma batida que pode ser comparada a de um caminhão a 80km/h com um carro que corre ainda mais rápido.

Winston Fritsch adverte, no entanto, que esta saída recessiva não deverá ser tentada, porque no final de 88 haverá eleições para presidente nos Estados Unidos e nada pior do que uma recessão e aumento de impostos em época de campanha. Na sua opinião deverá ser tentada uma saída não-convencional para esta crise. "A solução política para a dívida poderá dar certo e o cenário é perfeito para saídas inovadoras procurando conter a alta dos juros e um ajuste recessivo", diz. Nesta hipótese o Brasil sairia beneficiado nas negociações da dívida externa.

Os credores sabem que afetar as exportações prejudica o pagamento dos serviços da dívida, explica o economista da PUC. Jorge Gianelli concorda que a crise atual pode até ajudar nas negociações com os credores, mas a médio prazo as perspectivas não são animadoras: a taxa de juro americana (prime-rate) deverá subir, e em consequência o pagamento da dívida fica ainda mais difícil. "Os investimentos externos para o Brasil deverão diminuir e a conversão de dívida fica parecendo uma brincadeira", observa Fritsch. O diretor da Planning lembra que depois do "incêndio" da segunda-feira negra a noção de risco será ainda mais rigorosa e investir em mercados incertos como o brasileiro será visto com cuidado redobrado. "Se a crise for muito grave poderá haver desemprego, risco de inadimplência, desempenhos ruins de muitas empresas. E aí, a avaliação do risco será ainda mais severa", analisa realisticamente.

Os dois economistas concordam porém que o mercado financeiro brasileiro não está diretamente atrelado ao internacional. Caso a crise lá fora se prolongue nas principais Bolsas do mundo, não será por isso que as ações do Brasil vão despencar. Mas sim porque a rota de colisão num cenário muito mais amplo está cada vez mais próxima. E aí, não será só as Bolsas que vão despencar. "Neste caso, todas as economias irão afundar", alerta Winston Fritsch.

Fortuna feita em anos some em poucas horas

Joyce Jane

O mundo está mais pobre. A queda das Bolsas de Valores, ocorrida na semana passada, consumiu em poucas horas riquezas adquiridas em muitos anos, pegando de surpresa os investidores brasileiros, que foram arrastados nessa esteira de pessimismo e também viram seu patrimônio se desvalorizar. Mas, afinal de contas, por que uma baixa de 20% em um único dia assustou tanto os investidores mundiais se no Brasil essas quedas, ocorridas várias vezes no ano passado, não colocaram o país em pânico e nem trouxeram distorções mais drásticas para a economia nacional?

Em primeiro lugar, é preciso lembrar que a perda foi em dólares, em países de economia estável e praticamente sem inflação — se comparados com os índices inflacionários brasileiros. Nos Estados Unidos, por exemplo, um fundo mútuo oferece um rendimento médio entre 12 e 15% ao ano, enquanto aqui essa rentabilidade é mensal (em termos nominais, sem descontar a taxa de inflação). Assim, a desvalorização ocorrida em uma única semana equivale a uma perda real de até dois anos de rentabilidade.

Um empresário financeiro brasileiro comparou a queda das Bolsas mundiais da semana passada à perda acumulada das bolsas brasileiras entre os meses de abril e setembro do ano passado. Outro fator que deve ser levado em conta é o volume de negócios registrados nessas Bolsas, que interligam investidores de vários países, em uma verdadeira internacionalização de mercado.

Sendo assim, enquanto no Brasil a participação dos investidores nas Bolsas é muito pequena — permitindo inclusive manipulações de preços que levam a grandes variações no índice de lucratividade em um único dia — nas maiores Bolsas mundiais grande parte da população possui ações, afetando a poupança nacional em um momento de queda ou valorizações bruscas.

Aproveitando a queda das Bolsas, muitas empresas recomendaram no pregão suas próprias ações e poderão ser beneficiadas no futuro caso o mercado acionário se recupere. Entretanto, especialistas frisam que esse ganho não pode ser considerado imediato e poderá se transformar em prejuízo caso o processo de baixa nos preços das ações continue.

Mas essa queda das Bolsas, principalmente a de Nova Iorque, já era esperada por quem vinha acompanhando o desenvolvimento desses mercados. A Bolsa de Nova Iorque, por exemplo, subiu durante cinco anos consecutivos, enquanto a economia norte-americana dava sinais de enfraquecimento. Ora, se a Bolsa é composta por ações de empresas, que começam a apresentar desempenhos menos satisfatórios, é artificial a valorização constante das ações dessas companhias no mercado acionário.

Quando a Bolsa de Nova Iorque caiu, em maio, muitos especialistas americanos começaram a apostar na data em que ela voltaria a cair. O mês mais cotado foi o de janeiro do próximo ano, mas o fôlego dos preços das ações não resistiu por tanto tempo. Bastou que o presidente Reagan decidisse bombardear as plataformas do Ira para que o pânico se abatesse sobre os investidores, que começaram a vender seus papéis.

Especialistas do mercado explicam que um dos fatores que vinham impedindo a queda das ações eram as baixas taxas de juros do Japão. Como esses juros eram considerados desinteressantes por muitos aplicadores, eles preferiam se manter nas bolsas. Nesse início de mês, quando o Japão elevou os juros, esse estímulo ao mercado acionário deixou de existir.

A queda em cadeia das bolsas mundiais se deu também porque as mesmas ações são negociadas em vários países e essas bolsas funcionam quase que interligadas. Os grandes investidores operam simultaneamente em várias bolsas, influenciando no comportamento das ações em todo o mundo.